



INTERDISCIPLINARIDADE E HISTORICIDADE: POSSIBILIDADES E ARRANJOS

Fred Maciel¹

RESUMO: O crescimento do campo interdisciplinar, seja no âmbito acadêmico ou em áreas não tão próximas a ele, é permeado por transformações na sociedade e por progressos científicos, visíveis no avanço dos processos de globalização, por exemplo. As maiores interações entre campos e espaços disciplinares na produção e difusão de conhecimentos demandaria, então, o aprofundamento e a associação de análises e objetos de pesquisa sob tal ótica da interdisciplinaridade na compreensão de inúmeros fenômenos e processos que permeiam nosso cotidiano. Especificamente, as relações com a historicidade e com a História podem trazer renovadas perspectivas para variados assuntos habitualmente abordados de maneira unidimensional. Nesse sentido, tomando como base a questão da interdisciplinaridade e suas inter-relações com a produção de conhecimentos e também com a prática de socialização no interior das ciências humanas, o presente artigo pretende apresentar considerações acerca das possibilidades interdisciplinares permeadas à historicidade e à pesquisa histórica, avaliando alcances e benefícios de tais conexões. Ao explorar o tema, se tentará evidenciar a utilidade e necessidade das inserções interdisciplinares para entendimentos cada vez mais abrangentes.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Historicidade; Conhecimento; História.

INTERDISCIPLINARITY AND HISTORICITY: POSSIBILITIES AND ARRANGEMENTS

ABSTRACT: The growth of the interdisciplinary field, whether in the academic sphere or in areas not so close to it, is permeated by changes in society and scientific progress, visible in the advancement of globalization processes, for example. The major interactions between fields and disciplinary spaces in the production and dissemination of knowledge would require, then, the deepening and the association of analyzes and research objects under this perspective of interdisciplinarity in the understanding of many phenomena and processes that permeate our daily lives. Specifically, the relationship with historicity and with History can bring renewed perspectives to varied subjects usually approached in a unidimensional way. In this

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/campus Franca). Membro do Grupo de Pesquisa Intelectuais e Política nas Américas (IPA). Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/campus Campo Mourão) com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PNPD/CAPES). E-mail: fredmaciel06@gmail.com

sense, based on the question of interdisciplinarity and its interrelationships with the production of knowledge and also with the practice of socialization within the human sciences, this article intends to present considerations about the interdisciplinary possibilities permeated by historicity and historical research, assessing the scope and benefits of such connections. By exploring the theme, it will attempt to highlight the usefulness and necessity of interdisciplinary insertions for ever more comprehensive understandings.

Keywords: Interdisciplinarity; Historicity; Knowledge; History.

Os avanços da globalização nas esferas sociais e da complexidade em meio à produção dos saberes, assim como o crescimento do campo interdisciplinar tanto no âmbito acadêmico quanto fora dele, demandam o aprofundamento e a associação de análises e objetos de pesquisa sob tal ótica da interdisciplinaridade na compreensão de inúmeros fenômenos e processos que permeiam nosso cotidiano. Enquanto campo disciplinar e plataforma de investigação para exploração de variadas questões, a História influencia e é influenciada por tal conjuntura. Especificamente no campo historiográfico, as temáticas podem ser trabalhadas de maneira inter-relacional, trazendo renovadas perspectivas para variados assuntos habitualmente abordados unidimensionalmente. Ou seja, nesse exercício, objetiva-se partir para uma promoção do debate que pondera a dinâmica das relações e atividades sociais que sim se baseia na construção histórica, porém que da mesma forma concebe a multiplicidade de tais vínculos na disposição e institucionalização dos espaços e tramas sociais, com suas heterogeneidades e contextos, buscando uma reflexão mais extensiva e inclusiva para a pesquisa, atentando para as conexões sistêmicas, assim como para aquelas entre sujeitos e esferas institucionais e seus desdobramentos contemporâneos.

As discussões em torno das noções de interdisciplinaridade são complexas e diversificadas, sendo possível identificar um ponto comum nas tentativas de diálogo entre as áreas do conhecimento, compondo em meio a elas o questionamento, a complementação, o esclarecimento de pressupostos similares ou mesmo antagônicos (MELO, 2015).

Nesse sentido, tomando como base a questão da interdisciplinaridade e suas inter-relações com a produção de conhecimentos e também com a prática de socialização no interior das ciências humanas, o presente artigo pretende apresentar considerações acerca das possibilidades interdisciplinares permeadas à historicidade e à pesquisa histórica, avaliando alcances e benefícios de tais conexões. Ao explorar o rol de alternativas viáveis – várias ainda pouco trabalhadas – parece evidenciar-se não apenas a utilidade das inserções interdisciplinares, mas igualmente a necessidade desse exercício para apreensões cada vez mais englobantes, seja como produtor e/ou como receptor de saberes e experiências. Em um primeiro momento, será examinada a noção de interdisciplinaridade e, em seguida, suas imbricações com a História e a historicidade, levando em consideração contribuições de diferentes áreas e aportes bibliográficos já produzidos a respeito do tema.

A NOÇÃO DE INTERDISCIPLINARIDADE

Se nos voltarmos às origens da busca pelo olhar interdisciplinar, seria importante tentar compreender a lógica subentendida ao conhecimento disciplinar e os esforços em direção à interdisciplinaridade. Ao traçarmos o contexto histórico da ciência moderna ocidental, pode-se apreender a delimitação da realidade, sob o viés cartesiano, como extensa e pensante, com o conhecimento do todo sendo possível apenas através da soma das partes. Fundamentada em procedimentos que levem a pensamentos claros, pautados em dados objetivos, exatos e neutros, a ciência moderna almejaria um cientista como observador imparcial dos conteúdos passíveis de serem notados. Isso conduziria à definição de marcas quantitativas – no âmbito de uma compreensão generalizada – e especializadas – fundamentada na citada visão de mundo cartesiana de soma das partes. Nesse entendimento, dito enfoque marcou períodos de exercícios analíticos organizados e centrados em uma própria disciplina, desconsiderando possíveis conexões e explicações mais claras, por vezes demandadas pelos problemas investigados. Assim, tendo em consideração esse panorama, pontuou Maria Aparecida Bicudo (2008, p. 138):

e esse o pressuposto do conhecimento disciplinar, uma vez que as partes do todo vão se especificando e o desenvolvimento do conhecimento científico e respectivas técnicas e aplicações permitem que se aprofunde e se consiga cada vez uma maior especificidade das partes estudadas.

Ainda segundo Bicudo, a tensão aos poucos estabelecida entre as pesquisas unicamente disciplinares, de certa forma, acabou determinando as buscas pelos tratamentos interdisciplinares. A dificuldade em estabelecer limites nítidos entre disciplinas para vários assuntos pesquisados pode ser um dos fatores que fomentou a aceitação de uma visão interdisciplinar, além de pequenos obstáculos que foram se acumulando: a não consideração do contexto histórico no escopo investigado, a validação quase irrestrita de pesquisas anteriores da área, a apropriação de teorias de um único campo em abordagens anteriores e futuras, etc.

Assim, o questionamento de modelos arraigados pela ciência moderna representaria também uma mudança de foco decorrente das transformações socioculturais e geopolíticas que caminharam junto com a transição ao século XX e exacerbadas na chegada ao atual século XXI. A partir do momento em que a complexidade e a heterogeneidade contemporâneas não conseguiriam ter suas perguntas respondidas dentro dos limites de uma perspectiva disciplinar muitas vezes desconectada dos contextos histórico, político e econômico, seria compreensível e até mesmo natural a procura por elaborações mais abrangentes e inclusivas, sem com isso desconsiderar a relevância de conteúdos estritamente disciplinares e seus métodos para outras pesquisas e encaminhamentos. Isso quer dizer que o próprio progresso investigativo toma forma, gradualmente, no cruzamento de hipóteses e resultados de diferentes disciplinas; priorizando-se práticas recíprocas, de transferência de conceitos e problemas, em detrimento de um pensamento linear, fundado na especialização (POMBO, 2005, p. 9). Por esse ângulo:

trata-se de compreender que o progresso do conhecimento não se dá apenas pela especialização crescente, como estávamos habituados a pensar. A ciência começa a aparecer como um processo que exige também um olhar transversal. Há que olhar para o lado

para ver outras coisas, ocultas a um observador rigidamente disciplinar (POMBO, 2005, p. 10).

Portanto, o primeiro, e mais óbvio, entendimento da interdisciplinaridade estaria vinculado às relações entre duas ou mais disciplinas ou campos de conhecimento, em práticas que operam na interconexão e que permitem abordagens não limitadas a uma disciplina ou adequada a apenas uma metodologia. Conseqüentemente, as reflexões desenvolvidas sob tal visão explorariam a ideia da não existência de uma única verdade ou caminho analítico, e que os direcionamentos passariam pelas vias da intersubjetividade e da contextualização social e histórica, bem como da linguagem expressada, mantida e veiculada no panorama em questão (BICUDO, 2008).

Expandir o espaço das disciplinaridades, com suas ações e significados, e promover a interconexão de conceitos, procedimentos e aplicações poderia, então, abarcar toda uma lógica renovada que ultrapassaria traços epistemológicos mais resistentes. As novas possibilidades do fazer investigativo – acadêmico ou não – explorariam um processo quase contínuo de dialética, sem encerrar alternativas e/ou capacidades de estudo. Os desafios ainda são consideráveis, principalmente ao considerarmos campos e disciplinas já bem estabelecidas com seus esquemas próprios, e superá-los perpassa pela vivência equilibrada com as referidas disciplinas e seus sistemas, respeitando as múltiplas contribuições ao mesmo tempo em que ideias, concepções e formas são alteradas, atualizadas e ampliadas.

Assim, a discussão de questões em torno à interdisciplinaridade perpassaria pela consideração da realidade social em sua apresentação dialética e diversa. Trata-se, sob o ponto de vista de Gaudêncio Frigotto (2008, p. 42), de:

apreender a interdisciplinaridade como uma necessidade (algo que historicamente se impõe como imperativo) e como problema (algo que se impõe como desafio a ser decifrado). A questão da interdisciplinaridade, ao contrário do que se tem enfatizado, especialmente no campo educacional, não é sobretudo uma questão

de método de investigação e nem de técnica didática, ainda que se manifeste enfaticamente neste plano. Vamos sustentar que a questão da interdisciplinaridade se impõe como necessidade e como problema fundamentalmente no plano material histórico-cultural e no plano epistemológico.

Em tal perspectiva, as maneiras do homem se produzirem e se relacionarem em seu meio social e enquanto agente do mesmo interfeririam decisivamente na produção de um conhecimento interdisciplinar. Assim, tendo como vantagem apresentar-se tanto como elemento teórico-metodológico quanto como atitude e/ou reação às vias positivistas do cientificismo, a interdisciplinaridade evoca, primordialmente, possibilidades de novos questionamentos ao redor das construções do conhecimento, da sociedade como um todo e do homem enquanto figura ativa de seu tempo, em seus variados campos.

Autores como Hilton Japiassu (1976), por exemplo, inserem a questão em uma perspectiva histórica mais alargada, remontando às construções do saber em épocas anteriores como preceito para a assimilação de um ideal interdisciplinar contemporâneo. Dessa forma, a aspiração por uma hipotética totalidade do saber seria um marco identificável em diferentes períodos, considerando a valorização do conhecimento e o desenvolvimento de inter-relações intrínsecas. Se o conhecimento humano em consonância com o reflexo da realidade pode ser reconhecido em pensadores desde a antiguidade grega, o desdobramento de uma incipiente necessidade de uma compreensão mais unificada facilitaria a formação de modos constantemente renovados de apropriação do saber, resultando em reorganizações – mais claras em determinadas épocas – nas dimensões do ensino-aprendizagem e nas esferas científicas e teóricas.

A disposição disciplinar e as orientações à especialização emergiram, então, como um dos retratos de sociedades em processos de industrialização e com novos programas de produção econômica. Tal como expôs Wilma Aparecida Melo (2015, p. 4):

durante três séculos XVIII, XIX, XX, o apelo ao saber total, interdisciplinar, recolheu-se ao isolamento ou a quase inexistência. Este cede lugar às exigências da história e ao progresso da humanidade, para surgir uma nova etapa do saber, que, em nome das necessidades socioculturais de uma época e da epistemologia, deu novo rumo à ciência, à pesquisa científica e conseqüentemente ao processo de ensino e aprendizagem. Estava em pauta a reorganização do conhecimento por áreas isoladas, para favorecer o maior aprofundamento no estudo de suas partes compartimentadas, para legitimar-se como ciência.

O anseio por marcos metodológicos aptos a serem verificados e com funcionalidades reconhecidas estaria ligado à construção de disciplinas como produtos de contingências sócio-históricas, que podem transformar pensamentos coletivos e promover a contínua elaboração-reelaboração do conhecimento pertinente a essas matérias. De aí se desprende a noção desse conhecimento como expressão cultural, como forma dos homens se apropriarem da realidade e reconstruí-la a partir de esquemas adequados à lógica curricular-disciplinar, a serem reproduzidos nos sistemas educativos formais. A partir dessa consideração do conhecimento podendo também ser incorporado às práticas sociais surgiria a questão do olhar interdisciplinar emergir como desmistificação do cotidiano, interligando os espaços de diálogo entre os campos disciplinares e trazendo viáveis maneiras de relacionamento com o conhecimento e a aprendizagem. A superação de dualismos formais em meio aos saberes igualmente traria consigo novas formulações acerca do homem e suas relações com o meio social e a área da ciência, buscando entender a vasta complexidade das conexões humanas nos âmbitos político, cultural, socioafetivo e econômico.

Se a imprescindibilidade do trabalho interdisciplinar na criação e disseminação de conhecimentos poderia explicitar várias determinações relevantes na produção e explicação de fatos histórico-sociais (FRIGOTTO, 2008, p. 45), baseando-se no intercâmbio intersubjetivo de objetos e práticas, o reconhecimento de mediações necessárias tornaria a interdisciplinaridade uma importante articuladora de processos. Tal qual um modo de pensar que, de acordo com Edgar Morin (2013), estaria atrelado

a um pensamento complexo a respeito de realidades igualmente complexas que permitiriam a contextualização e expansão de conhecimentos produzidos.

Sendo assim, a abrangência e o processo inclusivo ganhariam destaque sob um paradigma interdisciplinar, promovendo interdependências entre os meios de ensino-aprendizagem, o saber científico e as práticas sociais. Voltar-se à resolução de problemas e temas advindos do mencionado entorno social seria outra faceta a ser propagada, sublinhando a importância de olhares transversais sobre as composições individuais e coletivas, e articulando a transposição de propostas oriundas desses elos estabelecidos para a sociedade em seu espaço público.

Maneiras alternativas de compreensão e disseminação dos conteúdos programáticos exclusivamente disciplinares representariam outras viabilidades de incorporação e sistematização de questões. Ou seja, estimular a interdisciplinaridade pode significar não apenas a ruptura de práticas habitadas, costumeiramente utilizadas de modo unidimensional, mas também apresentar “atualizações” nas formas de encarar a realidade com suas particularidades e de interagir com o conhecimento e seus acessos.

Os vínculos entre teoria e prática, por vezes dificultados quando a perspectiva disciplinar se sobressai, se tornariam algo mais próximo a laços de reciprocidade dentro do quadro interdisciplinar, evidenciando a complementaridade como traço distintivo na produção do conhecimento. Novamente, os pontos aqui abordados não invalidariam as interpretações disciplinares; as discussões provenientes dessas últimas permanecem com sua valoração junto a inúmeros objetos de pesquisa e temáticas. O que se privilegia enquanto abordagem e se reitera como meio proveitoso seria a pluralidade de pontos de vista, unificando na proposta interdisciplinar um novo paradigma que contemplaria antigas aspirações da ciência e do saber unos, que se fundamentaria nas reflexões em torno de alvos comuns, porém, abertas às contribuições e aplicações das mais variadas disciplinas, englobadas em um mesmo empreendimento (MELO, 2015).

Algumas das ideias circundantes à noção de interdisciplinaridade foram expostas de maneira geral nessa presente elaboração, contudo, para além da teorização, os desafios ainda prementes dizem respeito à ação interdisciplinar, como desenvolvê-la em panoramas atuais, assim como entender o porquê de sua importância em variados campos de estudo – especificamente na História, como será abordado em seguida.

A INTERDISCIPLINARIDADE NA HISTÓRIA

Do ponto de vista histórico, a abordada noção de interdisciplinaridade pode ser tratada como recente, uma vez que o termo e sua clara e consciente utilização são reconhecíveis somente no século XX, por mais que – como apontado – a prática interdisciplinar possa ser encontrada em momentos anteriores e através de propostas de pensadores de épocas passadas.

Talvez as razões culturais possam fornecer aportes decisivos no entendimento das formas de assimilação da interdisciplinaridade e de suas orientações. Autores (KLEIN, 1990; LENOIR, 2006) identificam primeiramente uma tradição epistemológica, preocupada com a unificação das ciências em seus assentados hipotéticos níveis hierárquicos e enraizada em pensamentos europeus. Outra tradição estaria atrelada às aspirações a um saber útil e funcional, estruturado através de interações externas e capaz de responder demandas e indagações do tempo presente; orientação esta aprofundada especialmente nos Estados Unidos. Por fim, uma tradição assentada em contribuições brasileiras (de Ivani Fazenda, por exemplo), focada no fazer interdisciplinar centrado no indivíduo, segundo uma abordagem fenomenológica.

Essa “metodologia” brasileira advém de estudos do já citado Japiassu na década de 1970, destacando a tendência às pesquisas realizadas de maneira conjunta em detrimento dos trabalhos individuais, e com contribuições de Fazenda na forma de enxergar a interdisciplinaridade realçando a questão da intencionalidade, “a necessidade do autoconhecimento, da intersubjetividade e do diálogo que leva a

interdisciplinaridade ser concebida como projeto de parceria” (SANTOS; TEIXEIRA, 2015, p. 474). É claro que o aprofundamento dos debates resultou na emergência de novas perspectivas no cenário brasileiro, trazendo à luz interpretações da interdisciplinaridade como conceito múltiplo, como esforço de síntese, empreendimento curricular ou movimento pedagógico. Além de divergências na acepção do termo, sendo considerado por determinados pesquisadores uma ideia a-histórica se fundamentada na filosofia do sujeito; isto é, nessa linha de raciocínio, a interdisciplinaridade apenas seria possível como necessidade histórica imposta e como problema a ser solucionado.

Acerca dessa questão, os pesquisadores Luciano dos Santos e Renato Araújo Teixeira (2015, p. 476) apresentaram:

no que se refere às tentativas de vários autores de considerar a história como fonte para definir a interdisciplinaridade o que se percebeu que esta não garantiu a chegada a um denominador comum. Pois a concepção de interdisciplinaridade variou de acordo com a diferença de maior ou menor percepção da historicidade, ou mesmo da própria ideia do que seja história. Alguns autores entendem a interdisciplinaridade como algo a-histórico ou trans-histórico, por isto entendia que embora não tivesse o nome interdisciplinaridade essa prática sempre existiu independente da época e do lugar; outros, ao contrário a compreendem como algo que tem suas especificidades e logo é datada e determinada no espaço e no tempo em função de problemas específicos do século XX.

Apesar da não existência de um denominador comum em relação aos diferentes modos de interpretação, é proveitoso pensar as ligações da interdisciplinaridade com a pesquisa historiográfica. Os benefícios se vinculam justamente no ressaltar da riqueza e diversidade permitida com o olhar interdisciplinar, apresentando variadas maneiras de teorizar e colocar em prática a pesquisa (com seus objetos e ideias) e o ensino (enquanto construção e disseminação de saberes).

Se considerarmos que a pesquisa interdisciplinar pode ocupar um espaço que conflui todo um movimento de ideias que não se vinculam a um único campo ou perspectiva, as associações com o passado poderiam se apresentar como memórias abertas, “uma temporalidade interativa que reinscreve as ‘lições do passado’ na textualidade do presente” (CHITTÓ GAUER, 2013, p. 537). Ainda levando em conta o elo multidimensional, noções como tempo e história suportariam a existência de certo horizonte trans-histórico. Desse modo, a fluidez nos contatos e nas leituras proporcionaria a expansão do conhecimento em períodos contemporâneos que parecem pedir maior desenvoltura e análises abrangentes não só pelo advento de novas tecnologias, mas também pelas facilidades de interação (entre indivíduos e entre disciplinas/áreas). Fugindo de parâmetros estritos das especialidades, repensar as questões em torno das tradições se vinculariam às suas dinâmicas influentes na atualidade, ou melhor, ao deslocamento do papel do passado frente à velocidade do presente (CHITTÓ GAUER, 2013).

Como visto, a interdisciplinaridade pode assumir variados significados, de acordo com o contexto e com a leitura realizada. Portanto, ao operar nas fronteiras do saber, tal exercício representaria notadamente uma interação que produz reciprocidade e horizontalização dos nexos imbricados a partir de uma problemática comum a diferentes campos. Sendo assim, torna-se pertinente pensar que:

na realidade, a prática interdisciplinar discute os princípios e conceitos fundamentais de cada campo original. Identificam-se as diferenças e convergências, abrindo caminho para uma aprendizagem mútua e não uma simples adição ou mistura linear. A recombinação dos elementos internos possibilita a criação de novos campos de saber, teóricos ou aplicados (PENA, 2007, p. 125).

A lógica das trocas e dos diálogos trata de se distanciar de imposições, apresentando os saberes em suas condições de espaço de fala e participação dos múltiplos sujeitos em suas respectivas composições discursivas. Dito quadro pressupõe que o plano histórico-empírico não deve ser deixado de lado, com a historicidade

(explicitando o caráter múltiplo de determinações envolvidas) trazendo consigo categorias teóricas que podem ser reconstruídas e ressignificadas nos exercícios de pesquisa e diálogo.

Posto isso, dentro de uma genealogia do conhecimento e da constituição de práticas sociais, algumas contribuições do pensamento histórico podem ser ponderadas na promoção de atitudes e vieses interdisciplinares. Preliminarmente, faz-se necessário atentar ao risco da defesa de certo historicismo, que aplicaria a impossibilidade de desenvolvimento de ideias, reflexões e considerações sem a premissa do conhecimento histórico. Não pretendemos recair no mesmo, mas sim salientar os auxílios dos estudos históricos no preenchimento de lacunas em incompreensões ou obstáculos surgidos das interconexões disciplinares.

A passagem a seguir de Rejane Pena (2007, p. 130) ilustra o caminho a ser percorrido nos esforços de inserção do olhar histórico/historiográfico em meio à interdisciplinaridade tal como consideramos válido:

a dificuldade em explicar inicia por uma concepção do que sejam os objetos e métodos da História entre o público que trabalha com outros saberes, que majoritariamente ainda pensa ser seu estudo como uma recuperação de um passado linear e progressivo. Mas, entre os historiadores sabe-se que não há possibilidade de alcançar a integridade do passado em sua temporalidade diacrônica. Ocorre que a (nem tão) nova forma dos estudos históricos nos tornou parceiros da interdisciplinaridade. A renovação redirecionou o olhar, estimulando a comunidade de historiadores a revisitar os mesmos objetos, no que se refere aos vestígios deixados por fatos, homens, símbolos e emblemas do passado. Esse desatar/reatar de toda tradição histórica abriu caminho para estudos diferenciados.

Reusos do passado, ressignificações de fatos e a transmissão e aplicações de tradições no presente são marcos importantes para se pensar a atuação do homem em sociedade, convergindo metodologias e interrogações de campos para além do histórico. Não se trata de uma mera substituição de abordagens tradicionais por dispositivos inovadores, mas a introdução, o acréscimo de prerrogativas ampliadas no

interior de uma área que se revela apta a tal procedimento, ainda que certa resistência ainda seja perceptível. Nesse sentido, oportunidades como o estudo das mediações entre o individual e o coletivo ganhariam recursos valiosos advindos de outros ramos de saber, de modo que representações, identidades, imaginários teriam seu caráter plural reiterado apoiado em encadeamentos plausíveis e possíveis.

Contudo, faz-se importante que a ação interdisciplinar não seja apenas um recurso discursivo, alheio ao plano histórico-material, seja nas pesquisas ou no ensino. A elaboração e disseminação de conhecimentos não é neutra e distante dos conflitos da realidade. A esse respeito pontuou Frigotto (2008, p. 52-53 e 56):

a não atenção ao tecido histórico dentro do qual se produz o conhecimento e as práticas pedagógicas, tem nos levado a tratar a questão da interdisciplinaridade dentro de uma ótica fenomênica, abstrata e arbitrária. Aparece como sendo um recurso didático capaz de integrar, reunir as dimensões particulares dos diferentes campos científicos ou dos diferentes saberes numa totalidade harmônica. [...] A condição prévia para o trabalho interdisciplinar, tanto a nível de pesquisa como no trabalho pedagógico, é de que as concepções de realidade, conhecimento e os pressupostos e categorias de análise sejam criticamente explicitados.

Portanto, a reiterada validade interdisciplinar passa pela superação de desafios no ensinar e no aprender, na criação e na transmissão. Os esforços nas tentativas de “responder à necessidade de superação da visão fragmentada nos processos de produção e socialização do conhecimento” (THIESEN, 2008, p. 545) precisam envolver um modo dialético de pensar e agir, alicerçado na historicidade e na consideração da realidade abrangida, acompanhando o ritmo das mudanças operadas na sociedade e, da mesma forma, as exigências desse corpo social compreendido.

De maneira geral, a própria tarefa de divulgação dos trabalhos e pesquisas se tornaria menos laboriosa, isso porque a amplitude – e não simples generalizações – das análises propiciaria aberturas às leituras multifacetadas, não lineares e/ou fechadas em um padrão específico e exclusivo aos historiadores:

consolidou-se, assim, a aceitação entre a comunidade de historiadores num direcionamento das pesquisas favorecendo a abordagem de uma problemática abertamente contemporânea e a negação de uma temporalidade linear em proveito dos tempos vividos múltiplos. Teceu-se uma malha em que os fios foram entrelaçados pelas experiências de uma variada categoria de pessoas (PENA, 2007, p. 133).

Em vista disso, na prática interdisciplinar, o historiador ou pesquisador ligado à área precisaria fomentar a indicação de novos objetos, além de desenvolver uma flexibilidade na aceitação e promoção de meios destinados à produção de novos saberes, estendendo visões e modos de envolvimento com os alvos de pesquisa.

Romper com a presença de uma lógica marcadamente sequencial pode ser um dos grandes desafios a esses profissionais e aos interessados no campo, visto que os mecanismos temporais permanecem com suas particularidades no desenrolar das atividades historiográficas, o que reforçaria a valia do empenho em frisar a existência de diferentes tempos e ritmos nas obras e criações humanas. Não obstante tais desafios, no processo de ensino da História, por exemplo, torna-se cada vez mais evidente que “o enfoque interdisciplinar aproxima o sujeito de sua realidade mais ampla, auxilia os aprendizes na compreensão das complexas redes conceituais, possibilita maior significado e sentido aos conteúdos da aprendizagem, permitindo uma formação mais consistente e responsável” (THIESEN, 2008, p. 551).

Conhecer mais e melhor um assunto empregaria os já constantemente mencionados diálogos e trocas de informações, indo de encontro às interconexões do conhecimento. Na História, mais do que um recurso, o fazer interdisciplinar se elevaria como necessidade perante os apelos globalizantes e às recorrentes dinâmicas de intercâmbio recíprocas existentes na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento da interdisciplinaridade conectada aos contextos sociais intrínsecos aos sujeitos, e não reduzida às pesquisas acadêmicas ou ao ensino, se aproximaria de um sentido dessa aplicação como parte de um processo que adequa a realidade e que permita o desenvolvimento de renovadas possibilidades de aprimoramento/aperfeiçoamento das diversas instâncias do conhecimento.

Ao mesmo tempo, superar a insegurança da execução das práticas interdisciplinares se transformaria também na ratificação de projetos de conhecimento dialogado junto às várias ciências. Se a “ação interdisciplinar leva os indivíduos a obterem conhecimentos mais elaborados, propiciando ao agente histórico uma dimensão maior do saber para efetuar as bases da mudança no contexto social” (LEITE; LIMA, 2015, p. 410), experiências e saberes se entrecruzariam nas etapas de formação cultural humana (ou do “homem total”) ao lado das aludidas integrações na realidade e na composição de agentes transformadores.

Por isso, o que queremos reiterar é a possibilidade de várias óticas direcionadas ao pensar e à ação interdisciplinar, oportunizando sentidos distintos de acordo com o prisma priorizado, seja ele epistemológico, metodológico, curricular, cultural, social ou histórico. Ademais, não seria adequado afirmar categoricamente acerca dos meios precisos nos quais a integração das disciplinas pode ocorrer. Até mesmo por isso diversificadas concepções seguem norteando tais compreensões interdisciplinares. O rumo histórico, por exemplo, seria capaz de sublinhar traços temporais (em memórias e tradições em movimento) e sociais que interfeririam nos espaços de desenvolvimento da interdisciplinaridade, tal como “um princípio de exploração das potencialidades de cada disciplina, da compreensão de seus limites, da valorização da diversidade” (LIMA; AZEVEDO, 2013, p. 133). Isto é, reconhecer essa variedade de leituras e pensamentos alavancaria não só o empreendimento interdisciplinar proposto, mas igualmente o próprio discernimento a respeito do desenrolar histórico.

Por conseguinte, as problematizações das relações entre passado e presente caminhando juntamente com as valorizações das realidades sociais e das influências culturais do local e dos sujeitos envolvidos refletiriam com maior conformidade os

objetos e situações sistematizados nos processos de produção do conhecimento e em suas aplicações reais.

A transposição dessas pontuações para os campos histórico e historiográfico deve, da mesma forma, ponderar as mudanças ocorridas nesse meio desde a segunda metade do século passado, substancialmente na história política, com o advento de novos interesses e instrumentos de análise. A intensificação das etapas seletivas quanto a materiais e métodos, em certo ponto, “forçou” a interação com outras esferas, buscando suportes para a assimilação de códigos, linguagens e preceitos que então passavam a adentrar as análises históricas. Avançando aos momentos atuais, e vinculando aos exercícios de difusão dos conhecimentos históricos, seria possível afirmar que:

a História experimentou, nos últimos anos, uma renovação de suas bases teóricas e metodológicas, a qual tem refletido em concepções e práticas pedagógicas. A grande questão é a aproximação entre teoria e prática na formação dos profissionais da História. Estes precisam estar conscientes de seu papel social na lida com a memória dos grupos sociais e com as diferentes linguagens que esses grupos produzem (LIMA; AZEVEDO, 2013, p. 140).

Contextualizar, localizar-se no tempo e perceber variações passaram a ser operações relevantes na compreensão dos movimentos da História. Mais do que isso, o reconhecimento individual enquanto sujeito histórico, situado em uma determinada sociedade e que pode estudá-la e interceder, aprimoraria o estabelecimento de elos e conexões em meio aos saberes e suas inserções nas realidades. Flexibilizando o âmbito histórico, oportunidades de investigação e interpretação tornam-se ambientes de mediação para o cumprimento e observância da funcionalidade da interdisciplinaridade.

“Integrar o que foi dicotomizado, religar o que foi desconectado, problematizar o que foi dogmatizado e questionar o que foi imposto como verdade absoluta” (THIESEN, 2008, p. 551). As distintas perspectivas sobre a promoção interdisciplinar reforçam a necessidade do diálogo como instrumento efetivo de aprendizado e

pesquisa, conectando teoria e prática em um panorama abrangente. E essas interlocuções não retiram a importância das especificidades disciplinares. O que sim se sobressai é a complementaridade como parâmetro renovado. Na conjuntura do campo histórico/historiográfico, com as contribuições interdisciplinares, as relações com a temporalidade, a percepção das permanências e mudanças, e a exploração de causas e consequências poderiam trazer consigo um repensar do sentido da História e das funções de suas análises decorrentes, favorecendo também a inclusão dessas questões em outras áreas.

Parece consenso que através de uma única fonte metodológica-analítica a construção do conhecimento não conseguirá abarcar dinâmicas contemporâneas mais complexas. Por isso, a troca de experiências e transformações nos saberes das diferentes esferas torna-se atualmente fundamental. E as elaborações históricas apoiariam justamente uma formação apta às movimentações recentes do mundo. Seja auxiliando na compreensão de fatos isolados ou na assimilação da intensidade de fatores no decorrer do tempo, a pesquisa e o saber históricos são suportes consideráveis no diagnóstico e exploração das multidimensionalidades intrínsecas aos heterogêneos panoramas presentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa interdisciplinar: uma possibilidade de construção do trabalho científico/acadêmico. *Educação Matemática Pesquisa*, São Paulo, v. 10, n. 1, pp. 137-150, 2008.

CHITTÓ GAUER, Ruth M. Interdisciplinaridade e pesquisa. *Civitas*, v. 13, n. 3, 2013.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus, 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. *Ideação*, v. 10, n. 1, p. 41-62, 2008.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KLEIN, Julie Thompson. *Interdisciplinarity: history, theory, and practice*. Detroit: Wayne State University, 1990.

LEITE, Mayke Rogerio Ferreira; LIMA, Maria José. *Interdisciplinaridade e o ensino de História: desafios e possibilidades*. Anais do V COSEMP, Congresso de Educação, Seminário de Estágio, Encontro do PIBID, Iporá/GO, 2015.

LENOIR, Yves. Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável. In: FAZENDA, Ivani (org.). *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas: Papirus, 2008.

LIMA, Aline Cristina da Silva; AZEVEDO, Crislane Barbosa de. A interdisciplinaridade no Brasil e o ensino de História: um diálogo possível. *Revista Educação e Linguagens*, v. 2, n. 3, jul./dez. 2013.

MELO, Wilma Aparecida de Castro Ribeiro Alves de. *Interdisciplinaridade: a trajetória histórica de um conceito*. X Encontro Regional Nordeste de História Oral, Salvador/BA, 2015.

MORIN, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez: 2013.

PENA, Rejane Silva. Contribuições do saber histórico para uma prática interdisciplinar. *Cadernos de História*, v. 15, n. 1, 2007.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. *Liinc em Revista*, v.1, n.1, p. 3-15, 2005.

SANTOS, Luciano dos; TEIXEIRA, Renato Araújo. Interdisciplinaridade como campo de diversidade. *Enciclopédia Biosfera*, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v. 11, n. 20, 2015.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 39, p. 545-554, 2008.

